

Povo nas ruas aplaude Tancredo e rechaza Maluf

Em Aracaju, 3 mil populares cercam Paulo Maluf aos gritos de "Ufa, ufa, ufa, Sergipe não malufa!" Em Porto Alegre, o "Grito do Campo", com quase 50 mil presentes, vaia o

nome de Maluf e aplaude Tancredo Neves. É o retrato do Brasil hoje. Na batalha sucessória entre o regime e a oposição, o povo não vacila. Volta às ruas, para apoiar Tancredo.

Pág. 4



A Tribuna agora custa Cr\$ 500,00
Mais uma vez somos forçados a elevar o preço da Tribuna Operária (as assinaturas mantêm o preço antigo até 7 de novembro, data do 5º aniversário do jornal). A disparada dos custos, principalmente no papel, que subiu 64% desde junho, não nos deixa outra alternativa.

Amazonas na Bahia diz por que é certo não pagar a dívida
O dirigente comunista fez debates com numeroso público e políticos opositoristas baianos. Página 3



A manifestação, com a presença de Tancredo, superou as expectativas

EDITORIAL

A última de Figueiredo

Parece piada. O general Figueiredo, ex-chefe do SNI, como uma donzela ofendida, reclama da falta de democracia dizendo que "grupos de esquerda" estão tolhendo a palavra de Paulo Maluf. Para completar, o pobre de espírito Carlos Atila sugere que se empregue a força policial para impedir o protesto do povo contra o candidato trombadinha.

Que democracia, sr. General? A do Ato 5? A das medidas de emergência com o general Newton Cruz? Ou a do Colégio Eleitoral imposto pela truculência contra a vontade manifesta de todos os brasileiros?

O povo e todos os democratas, nas ruas, no Parlamento, por todos os meios, exigiram o direito de eleger pelo voto direto o novo presidente da República. Mas este canal democrático de participação foi vetado por V. Excía, usando inclusive a força bruta.

O povo e os democratas foram à praça pública em Goiânia — quase meio milhão de pessoas — para apoiar o nome de Tancredo Neves para a chefia do governo, mesmo que a sucessão seja através do Colégio Eleitoral. Mais uma vez V. Excía, e outras altas autoridades do regime, taxaram de subversiva esta manifestação ordeira e democrática.

Não contente com isto V. Excía agora chega ao cúmulo de pretender que o execrado Paulo Maluf seja recebido com palmas pelos trabalhadores! E ainda manda o seu escudeiro ameaçar com bombas e cassetetes os que não se conformam com isto. Esta é a sua democracia, General. Só sua.

Sr. Presidente, a sociedade avança sob a determinação de leis objetivas, que não podem ser alteradas pela vontade dos ditadores. Durante 20 anos o regime militar que o Sr. representa e defende tentou violar esta norma elemental. O resultado foi o fracasso mais absoluto. E consequentemente o repúdio maciço do povo. O fim do sistema cons-

truído desde 1964 e a sua substituição por um regime democrático, onde o povo tenha papel de destaque, tornou-se assim uma marcha incontornável.

Ao manifestar seu repúdio a Paulo Maluf, ao vaiair este símbolo tão fiel da corrupção e do despotismo, o povo expressa espontaneamente a opinião generalizada de que é preciso mudar. É um pronunciamento absolutamente democrático nas condições que o próprio regime criou, ao impedir que os brasileiros tenham meios de participar numa campanha aberta para decidir a sucessão pelo voto direto. Quem obstrui o curso natural do rio não deve se surpreender com a turbulência das águas procurando um escoadouro.

Durante 20 anos o regime usou a policia, espancou, prendeu, torturou e assassinou patriotas e democratas, proibindo que os brasileiros se expressassem — e o general Figueiredo como homem do SNI sabe disto em detalhe. Deve inclusive ter recebido muitos informes respingados de sangue.

Hoje o que ocorre é que o povo, com a sua resistência heróica, conseguiu limitar esta ação repressiva e ganhou um pequeno espaço nas ruas. Por isto aplaude o candidato das oposições e vaia o odiado Paulo Maluf como representante do não menos odiado regime militar.

Dizer que isto é articulação "das esquerdas" não convence a ninguém. Esta trapaça já está gasta. Não passa de mais uma tentativa frustrada de dividir as oposições. Mas a unidade tornou-se uma arma preciosa e todos os democratas zelam por ela. Não vai ser com mentiras que se impedirá que os milhões e milhões continuem sua marcha para a liberdade. Se numa ou outra ocasião manifesta-se algum "excesso", é apenas uma expressão do ódio acumulado, que não afeta o rumo geral do movimento. O povo sabe o que quer. E não vai desistir de seu objetivo.

Social-democracia mundial põe o olho na América Latina
Congresso da Internacional dita Socialista do Rio espelha interesse todo especial pelo Continente. Pág. 5

"Grito do Campo" gaúcho exige um outro governo
Protesto dos agricultores, que encheu o Beira-Rio, já levou suas reivindicações direto a Tancredo Neves. Pág. 10



Com muita vibração, faixas e bandeiras, Ulysses Guimarães e Arraes, a assembléia fez ouvir a voz do povo pernambucano

Ato Pró-Tancredo em Pernambuco
Mais de 10 mil pessoas presentes na Assembléia Popular e Democrática em Recife aprovam programa. Pág. 3

Multacionais do veneno semeiam a morte na lavoura
Na pag. 6 os lucros e crimes da industria de agrotóxicos.

Latifúndio mata mais um posseiro no sul da Bahia
Na área mais tensa do Estado, a impunidade dos assassinos. Pág. 7

50 anos de patadas imperialistas da família Donald
O "maravilhoso mundo de Disney" contra os povos. Pág. 9



As vésperas das eleições, a conversa demagógica de Reagan e Gromiko para iludir o eleitorado

Arrogância imperialista dos EUA com a URSS

Numa evidente jogada eleitoral, Ronald Reagan — o chefe do imperialismo norte-americano — entabulou conversações com o chanceler soviético Andrei Gromiko. É o primeiro encontro de Reagan com alguém do alto escalão soviético, desde que assumiu o poder na Casa Branca, e ocorre justamente às vésperas das eleições nos Estados Unidos, marcadas para novembro.

Durante todo o seu período na Presidência, Reagan elevou a níveis nunca vistos os investimentos ianques na indústria de guerra. O orçamento militar dobrou. Para este ano, Reagan destinou à

corrida armamentista 313 bilhões de dólares, 14% a mais do que os investimentos no ano passado. E para o ano que vem, somente para o programa "guerra nas estrelas" (satélites com fins bélicos) o orçamento será aumentado em 284% (de 1,8 bilhão para 3,8 bilhões de dólares!).

A União Soviética social-imperialista, por seu lado, não deixou também de aumentar incessantemente seus investimentos militares, que já ultrapassam os 16% do Produto Nacional Bruto. Aliás, Gromiko ainda estava mantendo contatos de "paz e desarmamento" com o governo Reagan quando foi revelado que mais 100 mísseis soviéticos foram instalados na Alemanha Oriental e na Tchecoslováquia, aumen-

tando os riscos para a Europa numa conflagração entre as superpotências.

Mas está sendo difícil para Reagan tirar proveitos eleitorais em sua atual demagogia pacifista. Enquanto o líder do imperialismo ianque trocava impressões sobre o destino dos povos com o adversário soviético, mais de 150 manifestantes pacifistas foram presos em Washington.

O chefe dos revisionistas russos, Tchernenko, por sua parte, com a arrogância e megalomania típica dos imperialistas, vociferou de Moscou que "no mundo não há outra alternativa fora da normalização das relações entre a União Soviética e os Estados Unidos", cabendo aos povos, portanto, ficar sonhando com o namoro de seus opressores.

Um sem-número de acordos sobre limitações de armas já foram realizados entre os imperialistas. URSS e EUA já trocaram apertos de mãos e sorrisos em diversas oportunidades. Muita propaganda da paz a cada encontro, seguida de muita propaganda de guerra.

Mas o que sai desses encontros são: a continuidade da própria corrida armamentista; a demagogia pacifista — que visa iludir os povos do mundo em geral, e os das superpotências em particular; e o verdadeiro terror que os imperialistas têm das mobilizações de massa pela paz. No recente encontro, inclusive, um episódio demonstra o quanto que URSS e EUA querem as massas longe da luta pela paz: Gromiko recomendou a Nancy, esposa do presidente Reagan, que todas as noites sussurre ao ouvido do marido "uma única palavra — paz, paz, paz". Nancy interessou-se pela ideia e sugeriu que Gromiko dissesse à sua esposa Lydya que fizesse o mesmo. Portanto, os povos ficariam na dependência da performance das senhoras Nancy e Lydya na alcova, para viverem em paz...

As "retomadas" de Reagan

As negociações entre as superpotências sofrem grande influência do quadro econômico mundial, neste fim de 1984. Principalmente da parte dos Estados Unidos. Durante um período de 1983 e o primeiro trimestre de 1984, parecia que a economia capitalista iria iniciar um processo de retomada. Desde 1970, com a crise monetária, o sistema vem enfrentando estagnação ou queda, fenômeno que se agravou a partir de 1980, quando pela primeira vez na história recente o mercado de exportações e importações de todos os países do mundo apresentou queda.

No entanto o que aconteceu em 1983 e 1984 foi uma rápida e forte retomada norte-americana. A indústria ianque cresce e as altas taxas. Isso não poderia durar. Esse surto se baseou num déficit no comércio exterior americano na casa dos 100 bilhões de dólares anuais e de um gigantesco déficit público de 200 bilhões de dólares.

Com isso, o dólar explodiu nos mercados, os juros bateram recordes históricos, impedindo uma recuperação de conjunto da economia mundial. A Europa não só não acompanhou as altas taxas de juros, como também não teve alteração no nível de emprego.

"RETOMADA" ELEITORAL

O quadro mudou bastante no segundo semestre deste ano. A economia norte-americana ameaça cortar pela metade sua taxa de crescimento e a Europa caminha para a estagnação, aprovada com a alta do dólar.

Nesta conjuntura, Ronald Reagan busca a ajuda de seu colega imperialista Tchernenko. Como até a eleição norte-americana o "milagre econômico" pode terminar, Reagan procura outro ponto de propaganda: a "retomada" do diálogo. Ou seja, outra "retomada" que também não haverá.

Argentina perde a primeira batalha na guerra com o FMI

Pobre Argentina! Nem bem saiu da derrota fragorosa nas Malvinas e já entra noutra guerra pior e mais devastadora: guerra contra o FMI. E o governo Alfonsín já perdeu a primeira batalha — aceitou um acordo com o Fundo. Agora é ver se o povo argentino concorda. O FMI quer recessão, arrocho e dependência. As primeiras medidas já são trágicas.

No dia 25 de setembro o próprio Jacques de Larosière, chefe do FMI, anunciou ter chegado a um acordo com a Argentina, o fato foi surpresa para muita gente. Afinal, a Argentina acaba de sair de uma ditadura militar, tem um presidente eleito, sob constante pressão popular, e vive um processo de turbulência política, com o julgamento de militares.

O presidente Alfonsín surgiu, durante certo período, como um opositor dos acordos com o FMI. Pelo menos publicamente, proclamou que garantiria um aumento salarial de 7 a 8% acima da inflação para os trabalhadores, e que não aceitaria a recessão e o desemprego.

Os fatos estão desmentindo as



De Larosière: cláusulas secretas

bravatas. Mesmo na parte divulgada dos acordos com o FMI, as medidas são duras. Em um ano o Fundo exige que a inflação passe de 600% para 300%. Exige também que o déficit das contas públicas seja cortado pela metade. O que significa corte nos salários dos trabalhadores das estatais.

Três medidas que já estão sendo tomadas servem para caracterizar o acordo: a elevação dos juros em 2% ao mês, decretada sob

a ordem do FMI para "encarecer o dinheiro e restringir a demanda"; o aumento das tarifas públicas (luz, água, esgotos, telefones, transportes); "para restringir o déficit público"; e grandes desvalorizações na moeda argentina "para favorecer as exportações".

Essas medidas já são conhecidas duramente pelos brasileiros, mexicanos, portugueses e tantos outros que embarcaram na canoa furada do FMI. Mas a situação da Argentina é tensa. O país vive grandes turbulências políticas e a classe operária tem grande capacidade de mobilização.

Mesmo com todas essas imposições, alguns banqueiros foram procurar o chefe do FMI para reclamar dos acordos com a Argentina. Não que eles não soubessem o teor, mas estavam preocupados com a parte que foi publicada nos jornais, que dá a entender um acordo mais brando. Com essas pressões, Larosière deu a público uma aula clássica de cinismo. Disse que havia cláusulas "não reveladas" muito mais duras. Chegou a afirmar que isso é até praxe em casos "políticos delicados".

Camponeses apóiam a construção socialista

Atualmente, no campo albanês, existem mais de 423 modernas explorações coletivas, com a média de 1.150 hectares cada, substituindo as 155 mil pequenas e primitivas explorações privadas do passado, cada qual com a média de 2,5 hectares. A construção do socialismo transformou radicalmente a fisionomia da agricultura albanesa e tornou seu trabalhador inteiramente irrecognível em relação ao camponês da Albânia semifeudal, que era miserável, ignorante, enfermo e explorado.

Essa transformação teve dois momentos importantes: o da reforma agrária e o da coletivização. A reforma agrária de agosto de 1945, atendendo a uma antiqüíssima aspiração do camponado, expropriou mais de 18 mil latifundiários e proprietários ricos e distribuiu as terras, gratuitamente, a mais de 70 mil famílias de camponeses que não possuíam terras, ou tinham pouca.

Logo começou a coletivização. Foi um longo processo que demorou mais de 20 anos, pelo qual, aos poucos e voluntariamente, os camponeses beneficiados pela reforma agrária foram se reunindo em cooperativas socialistas. Nelas, passavam a possuir em comum as terras e os principais meios de produção, realizavam coletivamente o trabalho e participavam da distribuição socialista da renda, isto é, de acordo com a quantidade e a qualidade do trabalho de cada um. Além disso, mantinham, como propriedade privada, uma pequena parcela individual e ainda uma certa quantidade de gado. Em 1967, o último camponês individual ingressou na coletivização.

Além das cooperativas, existem as fazendas estatais, empresas agrícolas do Estado criadas em parte das terras expropriadas em 1945, e que representam uma forma superior de propriedade socialista, e ainda as estações de máquinas e tratores. Estas foram criadas a partir de 1947,

40 anos de revolução albanesa

com o objetivo de ajudar a construção do socialismo no campo, fornecendo, entre outras coisas, equipamentos. Em 1948 a Albânia possuía, toda ela, 30 tratores, nas mãos dos latifundiários. Hoje possui 19 mil, utilizados pelos cooperativistas.

Com a evolução da edificação socialista, a tendência é que as pequenas cooperativas se juntem, formando cooperativas maiores, e que o nível de coletivização também aumente e a cooperativa, posteriormente, segundo o desejo dos seus membros, se transforme em fazenda estatal. É importante notar que a concentração produtiva no socialismo não se realiza contra os trabalhadores, mas em seu favor, ao contrário do que ocorre no capitalismo.

Como resultado da implantação do socialismo no campo albanês, a produção agrícola, nos últimos 40 anos, cresceu 50% mais que a população. Essa produção quintuplicou desde 1944 até agora e a produtividade tem atingido índices formidáveis. Há setores que chegam a produzir quatro toneladas de trigo por hectare, oito de milho e cinco de arroz, o que supera em muito a produtividade de países como, por exemplo, o Brasil.

A superioridade do sistema socialista em relação ao capitalista é evidente quando se estuda melhor o desenvolvimento da agricultura na Albânia. Antes da libertação, não havia, por exemplo, ciência agrícola. Hoje existem duas instituições superiores, com mais de 5 mil alunos, 260 escolas médias, 10 instituições científicas e 26 centros agrícolas regionais, sem falar nos milhares de núcleos científicos espalhados pelas cooperativas, fazendas estatais, brigadas de trabalho. Também a agricultura da Albânia semifeudal não conhecia os fertilizantes químicos. Hoje recebe anualmente mais de 370 mil toneladas destes produtos fabricados pela indústria nacional. Com a dessecção dos pântanos, a irrigação — há mais de 600 represas no país — e o cultivo nas montanhas — como os fantásticos terraços de Lukova, no litoral do mar Jônico — os albaneses conseguiram aumentar 2,4 vezes a superfície cultivável original do país.

Uma das consequências mais apreciadas com a edificação do socialismo no campo albanês é a sensível diminuição das diferenças em relação à cidade. Nos 40 anos de poder popular, foram construídas 180 mil novas residências, abrangendo 2/3 da população rural, hoje beneficiada por ampla rede telefônica, rodovias, ferrovias e uma vasta malha de instituições sociais e culturais. De 1970 a 1980, a renda dos camponeses aumentou quase três vezes mais rapidamente que a da população urbana. (Luís Manfredini)



Na Albânia, o campesinato participa

Sandinistas não vão mudar data das eleições

Apesar das pressões da Internacional Socialista, do imperialismo norte-americano e dos contra-revolucionários, o governo sandinista da Nicarágua não adiou as eleições gerais naquele país, que serão realizadas no próximo dia 4 de novembro.

Torna-se ainda mais difícil, em consequência, a participação da chamada "Coordenação Democrática Nicaraguense" no pleito. A "Coordenação", uma aliança de direita contra o governo sandinista, reúne os partidos Social Cristão, Social Democrata e Liberal Constitucional. E funciona, cada vez mais, como uma espécie de braço político da contra-revolução.

A insistência sobre o adiamento das eleições objetiva, em primeiro lugar, o desgaste dos sandinistas, ao mesmo tempo em que se ajusta à tática da "oposição" de ganhar maior espaço político e justificar as agressões contra-revolucionárias inspiradas pelo imperialismo ianque.

No encontro da Internacional Socialista, realizado no Rio dias 2 e 3 (veja matéria a respeito na página 5), as pressões para o adiamento foram intensificadas. O governo sandinista mostra-se bastante flexível: já adiou o prazo de registro dos candidatos ao pleito de novembro, a fim de que os que integram a "Coordenação Democrática" possam participar e, inclusive, enviou um representante à reunião da IS para negociar com Arturo Cruz, porta-voz da "oposição" que, entretanto, continua com o intento de boicotar as eleições.

Ferdinando Marcos tortura e mata os opositores nas Filipinas

Sem condições de impedir as manifestações contra seu governo despótico, o ditador das Filipinas, Ferdinando Marcos, está reprimindo com fúria cada vez maior a oposição em seu país. No dia 28 último, 11 corpos de opositores foram encontrados em Manila, apresentando marcas de esfaqueamento, vergões no pescoço e sinais de espan-

camento. No dia anterior, 5 mil pessoas haviam participado de um protesto contra a crescente violência da repressão política. A polícia disparou contra a multidão, matando 13 manifestantes e ferindo outros 70. Outros 92 populares desapareceram — ao que tudo indica, sequestrados pelos agentes do governo. No ato, foram presas 22 pessoas — cinco estão sendo processadas e podem ser condenadas à morte.

No dia 30, Ferdinando Marcos decretou estado de "alerta máximo" nas Filipinas, o que abre possibilidades de uma ação mais violenta por parte dos generais do regime. Ao mesmo tempo, o governo não divulga o resultado das investigações que realizou do assassinato do líder opositor Benigno Aquino. Mas a Associação dos Advogados da Ásia, que também investigou o crime, denunciou que o assassino é Rogelio Moreno, policial encarregado pelo próprio governo de "proteger" Aquino assim que este chegasse ao país, vindo do exílio nos EUA. Isso aumenta as evidências de que foi Marcos quem mandou executar o opositor.

Povo nas ruas barra aumentos dos preços de alimentos no Egito

Mais de 2 mil pessoas realizaram um vigoroso protesto contra a carestia, domingo, dia 2, em Kafir El Dawar, no Egito, forçando o governo presidido por Hosni Mubarak a cancelar os aumentos nos preços de diversos produtos alimentícios (entre eles, o pão), autorizados recentemente. Os manifestantes conseguiram, ainda, que fosse determinada uma maior produção de pão barato nas áreas pobres e o congelamento dos preços dos produtos fabricados pelas empresas estatais.

Três pessoas morreram e 26 ficaram feridas durante a repressão à revolta. A polícia também efetuou 200 prisões. Conforme informações divulgadas pelo governo egípcio, o trem que faz a linha Cairo-Alexandria foi atacado a pedradas pelos populares, que também teriam queimado automóveis e deprecado supermercados. O tráfego rodoviário teve de ser interrompido. A alta de preços é consequente, principalmente, da retirada aos subsídios sobre os produtos básicos, o que vem afetando a população de uma maneira brutal.

As crianças na mira das gravadoras

Na Semana da Criança, um produto faz sucesso no mercado: o disco infantil. Há dois anos, as gravadoras voltaram-se para essa produção. O preço, 13 mil, é elevado para a maioria dos pais, mas chega a ser mais barato que uma calça jeans ou um par de tênis. E a criança pode ganhar, no lugar de roupas, um bom e, sabendo escolher, educativo brinquedo.

O disco infantil, embora comercializado há anos, não significa muito em termos de audiência. As costumeiras histórias de Branca de Neve e seus anões eram pouco procuradas. Hoje, as vendas ultrapassam cantoras como Simone, e vão encostando nos records de Roberto Carlos.

USANDO A TEVE
Das emissoras de televisão, a que mais investe neste campo é a Globo. Ela produz um programa especial para cada disco lançado. Assim foi com "Arca de Noé", "Pirlimpimpim", "Plunct, Plact, Zumm", "Turma do Pererê", entre outros. As teves têm ainda os programas diários dedicados à criança, que entram nesse mercado. A SBT já está no terceiro volume do "Clube do Bozo". A Manchete produziu o "Clube da Criança", mesmo nome do seu programa infantil apresentado por Nuxa, com participação de Carequinha, Sérgio Reis, Martinho da Vila e Pelé no disco.

A "Turma do Balão Mágico", investimento da CBS, tem todas as garantias de vendas. Com o sucesso do primeiro Lp, a TV Globo contratou o grupo para um programa matinal com o mesmo nome. A criança, agrade-lhe o programa, que tem sempre um espaço garantido para a música. Participações especiais de Djavan, Baby Consuelo e, agora, Fábio Jr. e Roberto Carlos, garantem a atenção dos pais para o disco.

VINÍCIOS PROCURADO
As músicas são bastante diversificadas. Muitos dos discos infantis trazem versões, como é o caso do "Balão Mágico" volume

três. Outros investem na música nacional, contratando inclusive compositores como Guilherme Arantes, já com várias músicas neste mercado. Seu último trabalho está sendo lançado nesta semana pela TV Globo. O "Pirlimpimpim" volume dois traz dez músicas desse compositor.

O disco mais procurado, pelo valor cultural, é o "Arca de Noé", poemas musicados de Vinícius de Moraes, seguidos de perto pelo parceiro do poeta, Toquinho, com sua "Casa de Brinquedos". Das adaptações, "Saltimbancos", de Chico Buarque, 1977, ainda é o mais requisitado. Renato Teixeira, Martinho da Vila e até Luis Gonzaga são alguns dos compositores que entram para o mercado infantil.

O ingresso de artistas consagrados do mercado adulto na música infantil acaba cativando também os pais das crianças para o gênero. Como testemunha dona Ana, do bairro da Móoca: "Se tivesse mais músicas infantis com o Roberto Carlos cantando, a criança se interessaria mais e diminuiria a quantidade de músicas estrangeiras nas FM's". Mãe de três filhos, dona Ana compra discos infantis sempre que o dinheiro permite, e escolhe os que tenham a participação dos artistas famosos.

VENDA CERTA
Para os lojistas, o disco infantil é venda certa. Vicente Carlos, da Top-Top Discos, há 15 anos no mercado, "gostaria que investissem mais nessa faixa. Se for bom, e infantil, todos os discos vendem bem. Não há competição com a música adulta. É um novo espaço. O cliente entra na loja e nos pergunta o que temos de infantil. Muitas vezes, a escolha é feita na hora da compra".

Nas grandes cidades, como São Paulo, muitas lojas apresentam várias opções: crianças cantando para crianças, músicas educativas e, principalmente, músicas alienadas. As gravadoras adaptam requinhos da moda para a linha infantil, ou então simplesmente gravaram para as crianças as bestieiras que impingem ao público adulto. Ai existe a variação entre crianças cantando sucessos atuais para crianças, e grupos como Patatinha, Harmony Cats, entre outros. Existem discos que vão desde canções de ninar até as músicas para adolescentes.

O precursor deste novo mercado, a criança, é agora um consumidor. A ela deveria ser dado o direito da escolha. Porém, como todo o consumidor, ela sofre a violência das apelações e do sistema que rege os veículos de comunicações.

Nos últimos três anos, vem se formando um público cativo para esses discos. Como Gilmar, de 11 anos: "Compro disco para dar de presente. Toda criança gosta. Quero ver o Balão Mágico".

Perguntamos a outras crianças, com idade entre 13/14 anos, qual o compositor brasileiro que mais gostavam. Entre cinco crianças, duas responderam sem hesitar: "Toquinho". Já as outras duas disseram gostar do Menudo (grupo de Porto Rico). Para essas, a insistência radiofônica midiática foi mais forte. (Myrian Caseiro)



Pirlimpimpim: músicas para crianças



Mike, Simony, Tob e Jarzinho: venda garantida



Nas relações com os sobrinhos, predomina a violência repressora do Pato Donald

A opressão do mundo "maravilhoso" de Donald

Um especial na Globo, em junho, marcou no Brasil o início das comemorações do 50º aniversário do Pato Donald. Agora a Editora Abril lançou uma edição especial em quadrinhos sobre Donald (mensalmente são publicadas 360 mil revistas do Pato; no total, as publicações Disney têm uma tiragem de 2 milhões e 105 mil exemplares por mês). Estão programados ainda livros, discos e souvenirs para marcar o cinquentenário, além de um novo longa-metragem com Donald. Afinal, o Pato merece tanto barulho?

Uma pesquisa feita nos anos 70 dá conta que mais de oito, em cada dez jovens até 18 anos, têm histórias em quadrinhos, e a maioria prefere os produtos Disney.

Donald, um dos carros-chefes desses produtos, participa de 150 curtas-metragens exibidos nos cinemas de 76 países e na televisão de 29. Todos os meses, editam-se 5 milhões de exemplares de revistas "Pato Donald" em 47 nações, inclusive em países ditos "socialistas", como a Iugoslávia. O Pato ainda participa de histórias em 352 jornais dos Estados Unidos e em 100 jornais de outros países. Além disso suas "aventuras" estão em livros e discos vendidos em várias regiões do mundo.

Natureza madraستا com o fracassado Donald

Ariel Dorfman e Armand Matlertlar dedicaram ao "mundo maravilhoso de Walt Disney" um livro, "Para ler o Pato Donald", onde revelam o verdadeiro massacre ideológico realizado através das publicações do famoso produtor ianque. No livro, revelam que Donald é o personagem Disney mais popular na América Latina: "Temos a tendência a nos identificar mais com o imperfeito Donald, que vive à mercê de dádivas superiores, do destino como pai". E Orlando Miranda, no livro "Tio Patinhas e o mito da comunicação", diz que para Donald "a natureza é madraستا, constantemente catstrófica. Os problemas domésticos propendem com frequência a assumir proporções alarmantes, e suas tentativas de ganhar a vida (em regra, como assalariado) esbarram na incompreensão de um patronato irascível e violento, que não hesita, à primeira falha, em despedi-lo com um vigoroso pontape no traseiro". Compara Donald com outro personagem de quadrinhos, Charlie Brown — "ambos imagens do fracasso personificado em sua incapacidade de construir relações afetivas recíprocas com o meio social".

As características do Pato, sem dúvida, sensibilizam os consumidores. Mas escondem o seu

47 países publicam histórias de Disney

Devido ao êxito comercial de Donald, surgiu toda uma "família pato", que inclui a namorada Margarida, o primo Gastão, o Tio Patinhas, a vovó Donald, os sobrinhos Huguinho, Zezinho e Luizinho. As histórias são produzidas em vários países, e os personagens não têm uma personalidade única. Na Itália, Donald é mais alto, magro e intempestivo do que no Brasil. Nas revistas publicadas pela Editora Abril, praticamente todos os personagens são simpáticos — mesmo os "vilões", como os Irmãos Metralha ou a Madame Mim, estão mais para trapalhões do que para criminosos. Mas em alguns outros países são apresentados como bandidos mesmo. Na Alemanha, por exemplo, — suprimo crime — os Irmãos Metralha aderiram ao marxismo! Na Itália, Tio Patinhas, num de seus acessos contra o sobrinho, chegou a metralhar Donald...

lado perdido. No seu relacionamento com os sobrinhos, Donald é um repressor violento. Seguindo os ditames do Tio Patinhas ou de algum outro patrão que apareça nas historietas, saqueia riquezas de nações da Ásia, África e América Latina, engana povos e tribos, corrompe governantes.

Na edição especial de aniversário do Pato Donald publicada pela Editora Abril há alguns exemplos dessas ações nefastas. Na história "Perdidos nos Andes", Donald e os sobrinhos vão ao Peru, saquear os "ovos quadrados", riqueza nacional de "Quadrópolis". Em outra história, acabam com uma tribo africana que foi roubada pelo Tio Patinhas e lutava para reaver suas terras.

São aventuras interessantes, repletas de ação, multicoloridas. Mas nada que estimule nas crianças uma visão sadia do mundo, uma perspectiva de transformação da realidade que as cerca, que desenvolva nos leitores — nequenos e grandes — uma abordagem crítica. Longe de serem histórias que contribuem à educação moral, ideológica e estética dos consumidores, as aventuras de Donald e seus parceiros do zoológico Disney estão impregnadas dos valores imperialistas, colonialistas, que buscam perpetuar a exploração e opressão do homem. (Carlos Pompe)



Tio Patinhas: um griteiro imperialista debaixo de uma fachada inocente

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adolpho Barboza, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.

Telefone: 35-7531 (DDD 011).
Telefax: 011-3333 TLOBR.
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.

Conselho de Direção: Rogério Lúscio, Bernardo Joffly, Olívia Ranoff.

ALAGOAS - Aspiçanga: Praça Luis Pereira Lima, 237. Endereço: CEP 57000. Maceió: Rua Ciríaco de Fátima, 183. Centro. CEP 57000.

AMAZONAS - Manaus: Rua S. Manoel Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudação). Caixa Postal 1438. Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone: 233-6644. CEP 69000.

BAHIA - Camacari: Rua José Nunes de Menezes, 12. CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218. Centro. CEP 44100. Itabuna: Av. S. Clementino, 828. 1º andar, sala 1. Centro. CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44. 1º andar. Centro. Jussara: Rua Américo Alves, 64. CEP 44800. Salvador: Rua Senador Costa Pinheiro, 845. Centro. CEP 40000. Sândes Filipe: Praça de Sândes (antigo de antigas CPs). CEP 43700.

DISTRITO FEDERAL - Brasília: Estrada Vinte e Sete de Maio, 312. CEP 70200.

CEARA - Fortaleza: Rua do Rio das Pedras, 213. São Centro. CEP 80000. Juazeiro: Rua Floriano Peixoto, 438. 2º andar. CEP 76900.

CEP 96100, Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1325, sala 20. Aberto depois das 18 horas e sábados das 9 às 12 horas.

RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Alvaro Alvim, 31, sala 4. CEP 20000. Botafogo: Rua Amador Pessoa, 370, sala 201. Centro. CEP 211. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, sala 101. CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Maracanã, Estação, 2548, sala 4. Centro. CEP 26000.

SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 9. CEP 13470. Campinas: Rua Costa Aquino, 333, telefone 34349. CEP 13100. Marília: R. Joaquim Barreto, 206. CEP 78000. Osasco: Rua Tenente Amal Pires de Azevedo, 25. 2º andar, sala 12. CEP 16000. Santo André: Travessa Sândes, 100. CEP 09000. São João do Campo: Av. José Arthur da Foz, 100. CEP 13200. Sorocaba: CEP 13500. São José do Rio Preto: CEP 13000. Taubaté: Rua Souza Buarque, 622, sala 5. CEP 12100.

Sergipe - Aracaju: Avenida Rio Branco, Estádio Dantas Teixeira, sala 520. CEP 68000.

São José do Campo: Rua Vitorino, 105. 1º andar, sala 15. Centro. CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Buarque, 622, sala 5. CEP 12100.

São José dos Campos: Rua Vitorino, 105. 1º andar, sala 15. Centro. CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Buarque, 622, sala 5. CEP 12100.

Sergipe - Aracaju: Avenida Rio Branco, Estádio Dantas Teixeira, sala 520. CEP 68000.

TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi. É editada e impressa em: Ed. Estação Joffly, Fone: 815-4999. São Paulo, SP.

Receba em casa a Tribuna Operária pagando apenas Cr\$ 360 por exemplar

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, pela seguinte opção de assinatura:

Anual de apoio (82 edições) Cr\$ 40.000,00
 Anual comum (82 edições) Cr\$ 20.000,00
 Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 18.700,00
 Semestral comum (26 edições) Cr\$ 9.350,00
 Anual para o exterior (em dólares) Cr\$ 70,00

NOME: _____
 ENDEREÇO: _____
 BAIRRO: _____ CEP: _____
 ESTADO: _____
 CIDADE: _____
 PROFISSÃO: _____ DATA: _____

Quando você faz uma assinatura semestral ou anual da Tribuna Operária, economiza mais de Cr\$ 40 por exemplar. Além disso, recebe seu jornal em casa toda semana. E ainda ajuda a imprensa operária, que depende do apoio dos trabalhadores para sobreviver e crescer. Assine a Tribuna. Preencha e envie hoje mesmo o cupom ao lado.

Enderece a carta com este cupom um cheque nominal de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Preços válidos por tempo limitado. Envie hoje o seu cupom.



Quase 50 mil pessoas vieram das várias regiões gaúchas para gritar por seus direitos em Porto Alegre. Nérica Behn falou em nome das mulheres do campo

O campo grita por liberdade!

Quase 50 mil produtores, de mais de 200 municípios gaúchos, participaram em Porto Alegre de uma grande assembleia democrática coordenada pela Federação das Cooperativas de Trigo e Soja, Fecotrig. Foi o "Grito do Campo". No estádio Beira-Rio, dia 2 de outubro, os participantes aprovaram um programa de mudanças, visando a implantação de um novo modelo político, econômico e social para o Brasil.

Sem conseguir esconder o enorme pavor que tem das manifestações populares, o governo federal, através do Dentel, proibiu a transmissão do ato para o interior do Estado através de uma cadeia de emissoras de rádio, e o candidato do generais à sucessão de Figueiredo, Paulo Maluf, não compareceu ao encontro. Tancredo Neves foi, e comprometeu-se com as reivindicações apresentadas pelos camponeses (veja quadro).

O plenário era composto esmagadoramente de pequenos produtores rurais, vindos em mais de 650 ônibus com faixas exigindo mudanças já, e mobilizados pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais e cooperativas de produção. O ato refletiu a insatisfação generalizada dos pequenos proprietários rurais, e também médios proprietários (o presidente da Federação da Agricultura, deputado malufista Baltazar de Bem e Canto, foi vaiado). Ressouram várias lutas dos produtores de soja, trigo, arroz, leite, e, entre outros, que tinham um caráter localizado ou, quando geral, apenas no nível reivindicatório imediato, como o confisco da soja. A memorável campanha pelas diretas-já contribuiu decisivamente para elevar a consciência dos produtores rurais e lhes indicar a forma de ação. A existência de uma liderança que se forjou nos últimos quatro anos, Jarbas Pires Machado,

também concorreu para o sucesso do "Grito do Campo", bem como o momento decisivo que vive o país, com a disputa presidencial.

A tudo isto é necessário acrescentar que a Fecotrig, instrumento político das cooperativas de produção, e a Fetag possuem em comum um grande número de pequenos produtores associados. E ainda mais, quando Figueiredo assumiu fez grande alarde em torno da agricultura, que passaria a ser prioridade número 1. Desde 79, portanto, os produtores ouviam: "plante que o João garante", "Agricultura vai pagar a dívida externa e baixar a inflação", "Vamos encher a panela do povo", "Tudo que for produzido será comprado", "Toda frustração de safra será indenizada", "Não faltará crédito" etc. Porém aconteceu exatamente o contrário. A inflação de 60 a 70%, passou a 250% ao ano. A dívida externa cresceu assustadoramente. O crédito encareceu e depois sumiu. A panela do povo ficou mais vazia.

Governo esvaziou a panela do povo

O produtor rural foi percebendo que não adiantava mais ir a Brasília em caravana reivindicar tal ou qual medida. Tampouco adiantava acabar

o confisco aqui, pois logo ali disparavam os preços dos insumos, geralmente controlados pelas multinacionais. Constatou que era urgente mudar o modelo político autoritário, que garante o atual modelo econômico antinacional e antipovo, do qual decorre a absurda política agrícola em voga.

Este quadro geral possibilitou que a iniciativa da Fecotrig contasse rapidamente com a adesão de todos os partidos políticos, praticamente a totalidade dos Sindicatos e Federações de Trabalhadores da cidade — imobilizados pela divisão. A Comissão pela Legalidade do PC do Brasil saudou o encontro. A Federação das Indústrias esteve presente através de seu presidente, Luis Otávio Viveira, que argumentou que "a indústria do Rio Grande do Sul depende da performance da agricultura".

"Mulher camponesa não tem direito"

Os milhares de manifestantes receberam com entusiasmo as palavras da coordenadora do "Movimento das Mulheres Camponesas", Nérica Noêmia Behn: "É triste dizer que a mulher camponesa não tem direito a nada. Eles não vêem que a mulher do campo luta de sol na lavoura, cuida da casa e dos filhos e ainda trabalha na lavoura. Cansamos de esperar. Apelo ao futuro presidente da República que nos dê os mesmos direitos da mulher da cidade. Que o povo se levante para dizer: 'Abaixo a discriminação da mulher camponesa!'. Heráclides de Lima Gomes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cruz Alta, ao falar do assunto lembrou que "a mulher no campo não tem amparo, trabalha toda vida ao lado do marido e tem como prêmio uma pensão de meio salário-mínimo quando morre seu esposo". A opressão sobre a mulher no campo é tanta, que Constantina Nascimento, de Nova Palma, pede que "tenham o mesmo tratamento da mulher da cidade, que tem INPS, aposentadoria, salário e quem cuide das crianças". Mal sabe ela que nas cidades, apesar de melhores condições, são poucas as mulheres que recebem esta assistência mínima tão reclamada pelas camponesas.

"Queremos a liberdade, porque não mudará a política agrícola sem mudança na política, sem a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana, onde os brasileiros decidam seu destino", afirmou o presidente da Fecotrig, Jarbas Pires Machado, em seu pronunciamento. Falando à Tribuna Operária, ele lembrou que "o 'Grito do Campo' foi o início de um processo em que os produtores rurais assumem uma postura de participação política, onde pela primeira vez traçaram objetivos claros, os quais vão trilhar até termos um Brasil dos brasileiros".

Para o presidente da Fecotrig, "a sociedade brasileira deve construir um novo país, e nós, os agricultores, temos que ter a consciência de assumir a responsabilidade de fazermos nossa parte. A crise em que vivemos é nossa crise em que foi ofendida a soberania nacional. Se imputa de fora para dentro uma política desastrosa, antinacional, massacradora do mercado interno. Política do desemprego, do arrocho salarial, de recessão inclusive para a atividade agrícola. O governo é incompetente para resolver esta situação, porque assumiu a defesa dos interesses dos credores internacionais, abandonando o povo brasileiro".



Maluf não teve coragem de comparecer - foi repudiado pelos manifestantes

Tancredo aplaude, Maluf foge

O candidato das oposições à Presidência da República, Tancredo Neves, compareceu ao "Grito do Campo". Aplaudiu a iniciativa, comprometeu-se com o programa aprovado na imensa assembleia. O candidato do regime militar, Paulo Maluf, não compareceu. Foi vaiado pela multidão.

"Não há melhor conselho político que o das praças cheias de povo", afirmou Tancredo Neves dando logo uma estocada no inimigo do povo, Paulo Maluf: "Que mandato de poder podem postular aqueles que se amedrontam diante da face severa dos homens e mulheres de seu país?" e ressaltou: "Estou hoje convosco; como há dias estive em Goiânia e estarei em Belém e Manaus, buscando a legitimidade de meu mandato presidencial, uma vez que a boca das urnas está ainda selada pela prepotência do governo".

Analisando a política agrária dos generais, denunciou que o governo "desarranjou o que havia e não foi capaz de criar instrumentos novos e hábeis para a evolução das atividades rurais". Segundo o candidato oposicionista, "o agricultor foi altamente penalizado. Hoje não tem ele a quem recorrer, a não ser as instituições privadas, dentro de um quadro de poucos recursos, enorme burocracia e juros elevadíssimos". Afirmou estar convencido "de que a reforma agrária deve ser acompanhada da associação cooperativista dos produtores, para que não se

fruste de seu grande objetivo, que é o da promoção humana dos trabalhadores sem terra".

Tancredo ainda disse aos manifestantes estar "solidário com a vossa luta, e faço meus, com o compromisso de tê-los como programa de governo, os pontos fundamentais de vossa reivindicação: combate à inflação; combate à política recessiva; reforma do atual modelo econômico, que é injusto do ponto de vista social; participação real do povo nas decisões políticas, como é próprio dos sistemas democráticos; e retomada imediata do desenvolvimento econômico e do progresso social".

REPÚDIO A MALUF E AO FMI

Entre os sindicalistas rurais e produtores de cooperativas, o repúdio a Maluf e à ingerência do FMI na economia brasileira foram marcantes. "Fora daqui o FMI!", gritavam, sob o comando da Fecotrig, os agricultores. Alair Pastoriza, do Sindicato Rural de Tapes, lembrou que "faltam recursos para o produtor rural, mas jamais faltaram recursos para tapar os furros da Coroa-BrasTel, Capemi e toda ruralheira". O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caturipe, José Florentino, questionou: "Como é possível homens que querem chegar ao poder não estarem aqui? A ausência de Maluf revela que dentro mesmo de chegar ao poder ele já fuge do diálogo com o povo".

O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, Ezildo Pinheiro, disse que "o 'Grito do Campo' despertou o trabalhador rural, mostrando sua força e organização. Foi um basta, onde reafirmamos o desejo de participar das decisões junto ao próximo presidente e exigimos a reforma agrária, que é urgente, pois são milhares de famílias sem terras espolhadas pelo Brasil afóra".

O programa, aprovado por unanimidade, é um instrumento extremamente valioso (veja seus itens nesta página). Sua aprovação diante do candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves, e o compromisso público deste, em tê-lo como seu programa de governo, torna o "Grito do Campo"

uma manifestação política sem precedentes e fadada a exercer grande influência na sucessão presidencial.

Dentre as decorrências que poderão advir do "Grito do Campo" destacam-se: 1) seu exemplo, que poderá ser seguido pelos camponeses de outros Estados; 2) as cidades poderão dar também seus gritos; 3) o programa aprovado será discutido pelo interior, em todos os sindicatos e cooperativas; 4) o programa político e econômico aprovado poderá se tornar uma plataforma mínima das forças democráticas e populares. E como a... ou um dos participantes, "este é só o começo. Se não mudar desta vez, para cada um que hoje está aqui, virão 100". (da sucursal)

As reivindicações camponesas

O programa aprovado no "Grito do Campo":

- 1 - No campo político:
 - a) A vigência plena da democracia, consolidada pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana.
 - b) O resgate da Soberania Nacional, colocando os interesses do Brasil e dos brasileiros acima dos ditames do FMI.
- 2 - No campo econômico:
 - a) A redefinição soberana de uma nova política econômica, e do próprio tratamento da dívida externa.
 - b) A retomada do crescimento econômico, pela reorientação e expansão dos investimentos produtivos do setor público e privado, e por medidas proibitivas à especulação financeira e ao amordaçamento externo de nossa economia.
 - c) O fortalecimento do mercado interno, pela implantação de uma política salarial que favoreça os assalariados de mais baixa renda; pela reorientação da produção para as necessidades internas e por uma ampla distribuição de renda, através de uma reforma tributária.
 - d) A implementação de um plano de Emergência, relativo ao Emprego, Moradia e Alimentação, que restaure, no menor prazo possível, a dignidade da vida da grande maioria do povo brasileiro.
- 3 - No campo da política agrária:
 - a) A garantia efetiva da participação dos produtores na definição de uma nova política fundiária e agrícola para o país.
 - b) A realização efetiva de uma reforma agrária, que comece pela distribuição das terras mal aproveitadas - públicas e privadas - de maneira a assegurar o direito à terra a todos que nela queiram trabalhar. Temos, hoje, no Brasil, 62 propriedades com mais de 100 mil hectares, e que ocupam uma área supe-

rior a 2,5 vezes a área plantada de nosso Estado, ou mais de um quarto de área plantada no Brasil.

- c) A criação de crédito fundiário de apoio e complementar ao programa de reforma agrária, voltado, prioritariamente, para os agricultores mais carentes.
- d) A garantia de recursos necessários para financiar o custeio, os investimentos e a comercialização de toda a produção agrícola, prioritariamente para o abastecimento do mercado interno, mas sem esquecer nossa potencialidade regional, a expansão de nossa agroindústria e nossas exportações.
- e) A criação de crédito rural subsidiado, que privilegia a produção de alimentos, viabilize a pequena propriedade, e mantenha o produtor em sua atividade.
- f) A determinação de uma política de Preços Mínimos, que assegure a viabilidade e expansão primária, necessariamente acompanhada de um rígido controle de preços dos insumos e máquinas agrícolas, bem como o controle dos custos financeiros.
- g) A implementação de um Programa Especial de Abastecimento, aumentando a área plantada com alimentos, em tantos hectares quantos necessários para suprir a demanda interna.
- h) A adoção, urgente, de um Programa de Emergência para o pequeno produtor rural, assegurando a sua viabilidade econômica e dando ao trabalhador rural adequada Previdência e Assistência Social.
- i) A imediata revisão da Legislação Cooperativista, adequando-a às novas necessidades que o momento nacional exige, possibilitando a efetiva prática da "Gestão Democrática e Eficiência Empresarial" nas Cooperativas.

Foto: Miriam Flechner

Foto: Miriam Flechner